

FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

Lucia Teixeira

Os estudos do texto e do discurso impuseram-se nos últimos anos como campo do conhecimento marcado pela variedade teórica de abordagem e a oferta de metodologias diversificadas. Como todo campo que se amplia, análise do texto e do discurso torna-se um rótulo que se presta às mais diferentes utilizações e passa a denominar Programas de Pós-graduação e linhas de pesquisa, disciplinas e áreas de concentração. A indefinição – que, aliás, não é privilégio dos estudos discursivos e textuais – e a ampla difusão de tais domínios entre pesquisadores e estudantes de línguas e linguística trazem inúmeros problemas, entre os quais o enquadramento do campo não será o menor. Talvez por isso, tais estudos encontram forte resistência dentro da Linguística, recebendo críticas que tratam, nem sempre de modo aberto e franco, da falta de limites, da falta de rigor, da falta de método, apontadas por oposição a um certo cientificismo acima de qualquer suspeita da chamada linguística dura.

Maingueneau (1989, p.11) comenta que a organização do campo da Linguística “opõe de forma constante um núcleo que alguns consideram ‘rígido’ a uma periferia cujos contornos instáveis estão em contato com as disciplinas vizinhas (sociologia, psicologia, história, filosofia, etc.)”. Um resgate das concepções dicionarizadas dos adjetivos “mole” e “duro” que costumam qualificar os dois domínios dos estudos linguísticos mostraria uma oposição entre porosidade e fechamento, correspondente às diferentes linguísticas encampadas sob os rótulos mole e dura. Macia, sensível, fácil seriam qualificações atribuíveis ao campo dos estudos da linguagem situados na “periferia” a que se refere Maingueneau? E o núcleo rígido poderia estar definido por qualidades como rigidez, insensibilidade, dificuldade?

O livro *Em busca do sentido*, de José Luiz Fiorin, pode ser tomado como referência para desfazer e, ao mesmo tempo, acentuar tal embate. O autor, com o rigor de método, a coerência de abordagem e a consistência teórica que marcam seu trabalho, entrega ao público uma coletânea de artigos já publicados dispersamente, após organizá-los e revê-los de modo a constituir um livro com unidade temática e conceitual que se apresenta como contribuição inestimável aos estudos do texto e do discurso. Trata-se de obra que demarca e fortalece os estudos discursivos como um campo científico com objeto definido, método próprio, teorização e objetivos consistentes, que conferem aos estudos do discurso a relevância que sempre tiveram, ou deveriam ter tido, e que pode ter sido questionada – é preciso reconhecer –

em virtude das próprias derivas e desacertos das interpretações fáceis e pouco fundamentadas de muitas abordagens.

No prefácio, o autor começa por reconhecer o caráter de memória e cartografia que marca a coletânea. Mesclando erudição e didatismo, no tom que parece caracterizar toda a sua produção, Fiorin cita os clássicos gregos e latinos, exemplifica com autores da literatura brasileira, oferece etimologias, ao mesmo tempo em que explica com clareza o que vem a ser uma antologia, que critérios podem presidi-la, que sentidos é capaz de produzir. Apresenta em seguida as partes do livro e, em dois parágrafos finais destacados, faz um comentário político sobre a questão da cessão de direitos autorais para fins didáticos, que acerta os alvos e complementa os dados que faltavam para que se pudesse, já a partir do prefácio, depreender o *éthos* do autor, que é aquele do rigor e competência, do engajamento político e da sensibilidade estética.

Na primeira parte do livro, Fiorin trata de questões teóricas, delimitando os objetivos e expandindo o alcance da teoria que elegeu para suas pesquisas, a semiótica discursiva. No capítulo 1, "Enunciação e semiótica", o autor faz uma apresentação da teoria, caracterizando-a como uma teoria da significação, que tem por base três postulados gerais: é uma teoria gerativa, porque identifica nos textos um percurso gerativo de sentido "como simulacro metodológico das abstrações que um leitor faz ao ler um texto" (p. 18), é sintagmática, por considerar não "as unidades lexicais particulares, mas a produção e interpretação do discurso" (p. 17) e é geral, aplicando-se, portanto, a textos expressos em qualquer linguagem. Em seguida, o autor mostra o lugar da enunciação na semiótica e explora as categorias enunciativas, apontando o nível discursivo como lugar da singularidade dos conteúdos expressos. Todos os temas teóricos são exemplificados por análises de textos variados, destacando-se a bela interpretação para *O segredo de Brokeback Mountain*.

O capítulo seguinte, "Fruição artística e catarse", tem início com uma boa apresentação do livro de Greimas, *Da imperfeição*, a partir do qual o autor retoma o conceito aristotélico de catarse. Propõe, com originalidade, a existência de uma estética da forma e de uma da substância. A primeira pode ser observada na pintura de Malévitch; a segunda, em cópias de paisagens ao arrebol, ao luar etc. A poesia de João Cabral exemplifica também a estética da forma, enquanto os romances *best-sellers* corresponderiam a uma estética da substância. Considerando uma extensão que vai de um polo mais poético a um mais mimético, o autor valoriza como fenômenos de linguagem e, portanto, como objetos de interesse teórico e metodológico, tanto a obra de Machado de Assis quanto a literatura popular do tipo Sabrina. Esse capítulo particularmente representa uma contribuição exemplar dos estudos linguísticos aos estudos literários, porque

formaliza de modo inspirado, objetivo e bem exemplificado as funções da linguagem, as relações entre os planos do conteúdo e da expressão e as características da linguagem literária, que seriam resumidas nas seguintes: relevância do plano da expressão; intangibilidade da organização linguística; criação de conotações; desautomatização; plurissignificação. O capítulo tem ainda o mérito de exemplificar fartamente, com interpretações fundamentadas nas categorias teóricas propostas.

No último capítulo da primeira parte, “Três questões sobre a relação entre expressão e conteúdo”, Fiorin dá continuidade ao tratamento da questão da diferença entre textos de função utilitária e de função estética, adotando o conceito de sistemas semissimbólicos da semiótica como base dos textos poéticos. Nesse capítulo, as análises de poemas exploram a questão do ritmo, considerando uma oposição entre rítmico e arrítmico que talvez pudesse ser redimensionada em termos de diferenças de andamento ou de tonicidades sobre o tempo que gerasse uma gradação ou diferença de ritmos, no lugar de uma oposição entre presença e ausência.

A segunda parte do livro explora o tratamento discursivo de certas questões de linguagem que sempre estiveram no centro dos interesses do autor: o primeiro capítulo é sobre metáfora e metonímia, o segundo, sobre estilo e o terceiro, sobre modalização. No primeiro capítulo, Fiorin inicialmente resgata as definições clássicas para metáfora e metonímia e as amplia com as concepções de Hjelmslev e Jakobson. Do primeiro toma a noção de conotação e também a de não pertinência da dimensão das unidades de manifestação na definição do signo. Do segundo, a ideia que vem dos clássicos de que metáfora e metonímia correspondem, respectivamente, às noções de similaridade e contiguidade. Usando sólida argumentação, Fiorin contradiz os linguistas que não aceitam a ideia de conotação, mostrando que os sentidos na língua não se multiplicam aleatória e caoticamente (p. 73). Insiste na ideia de que metáfora e metonímia são procedimentos discursivos e faz a análise de textos de Machado de Assis e Gregório de Matos, além de lembrar que os dois procedimentos discursivos estão na comunicação cotidiana e que cada língua tem mecanismos semânticos próprios de conotação. Mostra, em seguida, as várias possibilidades de leitura inscritas num texto e o modo de articulá-las seja por um viés metafórico seja por um ponto de vista metonímico, em contribuição original e muito produtiva para os estudos do texto.

No capítulo “Uma concepção discursiva de estilo”, o autor começa por recuperar os estudos estilísticos em língua portuguesa, apresentando a diferença entre a tradição literária e a linguística, e acaba por mostrar que o conceito de estilo oscila sempre entre recorrência e diferença. Propõe definição com base na Semiótica e na Análise do Discurso francesa: estilo “é o con-

junto de traços recorrentes do plano do conteúdo ou da expressão por meio dos quais se caracteriza um autor, uma época etc.” O estilo “toma forma na interação entre produção e interpretação, ou seja, numa práxis enunciativa, o que quer dizer que é um fato da ordem do acontecimento e não da estrutura” (p. 96). É controlado pela enunciação e aparece nas formas discursivas e textuais. “Estilo é um conjunto global de traços recorrentes do plano do conteúdo (formas discursivas) e do plano da expressão (formas textuais), que produzem um efeito de sentido de identidade. Configuram um *éthos* discursivo, ou seja, uma imagem do enunciador” (p. 97). O estilo, assim, será identificado por uma recorrência de traços, seja de conteúdo (temas e figuras) seja de expressão (formas de organizar as palavras no texto, antíteses, aliterações, rimas, métrica etc) e por uma diferença entre um determinado conjunto autoral e outro, um gênero e outro, um tipo textual e outro.

No último capítulo da terceira parte, cujo título é “Modalização: da língua ao discurso”, apresentam-se os caminhos de constituição de uma teoria das modalidades na semiótica francesa. Aqui o autor parece complementar o que apresentara no primeiro capítulo da parte I, já que explicita de modo crítico o que chama de quatro etapas de constituição da teoria semiótica: uma primeira que considera o percurso do homem no mundo como uma narrativa de busca de valores inscritos em objetos, que só seria possível aplicar, dado o caráter pragmático da concepção, a textos da chamada “pequena literatura” e das narrativas folclóricas. Num segundo momento, a semiótica ocupa-se das modalizações do ser, investigando os investimentos sobre o sujeito, o que acaba por resultar num terceiro momento, em que focaliza as modalidades veridictórias e epistêmicas. O quarto momento da teoria é, então, associado ao estudo das paixões, gerando a complexidade da análise das narrativas capaz de dar conta de qualquer tipo de texto. Para demonstrar que as combinações de modalidades que geram as paixões podem manifestar-se no âmbito da língua e do discurso, o autor enumera expressões lexicais e meios gramaticais de manifestação linguística das modalidades e, em seguida, apresenta a modalidade como processo discursivo, por meio de exemplos, devendo-se destacar a bela e instigante análise do conto *Noite de Almirante*, de Machado de Assis. O autor analisa ainda o tratamento da avareza em Molière e Balzac, para mostrar a variação cultural das paixões, e esboça uma tipologia das paixões, que deixa interessante campo de investigação aberto, ao sugerir que há as paixões da duratividade, como o ressentimento, da pontualidade, como a ira, da perfectividade, como o remorso. Menciona ainda a importância de pensar numa aplicação de gradações de intensidade sobre as paixões, sugerindo a oposição, por exemplo, entre uma paixão de andamento lento como a depressão e outra de andamento

acelerado como a agitação. “Estudada dessa maneira, a paixão não se opõe à razão, mas constitui uma forma de racionalidade discursiva, permitindo analisar, de maneira bastante fina, a aspectualização, a intensificação e a quantificação, consideradas não como categorias da língua, mas como procedimentos de discursivização. Na medida em que o contínuo e suas modulações passam a fazer parte da teoria, ultrapassa-se o estruturalismo, fundado no discreto e no categorial” (p. 132).

As duas partes iniciais preparam o leitor para a terceira, intitulada “Semântica das categorias da enunciação”, em que a dois capítulos dedicados aos conceitos de *éthos* e de *páthos* segue-se um capítulo de análise da questão da construção semântica do espaço. No capítulo “O *éthos* do enunciador”, o autor retoma Benveniste para explicar o mecanismo da enunciação, dando densidade à reflexão quando apresenta os mecanismos de de-breagem e embreagem, tal como propostos pela semiótica. A partir daí, vai mostrar que o *éthos* compreendido como imagem do enunciador explicita-se na enunciação enunciada. É a imagem do autor, um autor discursivo, definido pela totalidade da sua obra e depreensível nos enunciados concretos. Analisa Quincas Borba para comentar a totalidade da obra de Machado e mostra as diferenças entre as três gerações românticas, para reafirmar que o “*éthos* estabelece-se no interdiscurso” (p.150).

No capítulo “O *páthos* do enunciatário”, sempre retomando a Retórica de Aristóteles, o autor afirma o caráter de coenunciador do enunciatário, já que ele é também produtor do discurso, “na medida em que determina escolhas linguísticas do enunciador” (p. 154). A imagem do enunciatário é um papel temático que engloba uma dimensão cognitiva (ideológica, da ordem do saber), uma da ordem do crer, uma patêmica e uma perceptiva. Exemplifica com o discurso do presidente da República e com análise comparativa dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de São Paulo*. “A eficácia do discurso ocorre, quando o enunciatário incorpora o *éthos* do enunciador” (p. 157). Essa incorporação será harmônica, como no caso dos jornais analisados, ou complementar – caso dos manuais de autoajuda ou de programas populares de televisão, como aqueles apresentados por Hebe Camargo e Ratinho. Os exemplos vão indicando a construção de uma metodologia que permite assinalar como elementos de identificação do *páthos* tanto aspectos semânticos como modalização e seleção de temas, quanto procedimentos sintáticos como as projeções da enunciação no enunciado, além de questões mais ligadas ao plano da expressão, como a escolha da norma linguística, a criação e ocupação da mancha da página, a escolha das fontes etc.

O capítulo final, “A construção dos espaços e atores do Novo Mundo”, traz uma análise da carta de Caminha e outros documentos da época como concretizações de uma construção

de espaço que toma como modelo o *locus amoenus*. Em seguida, o autor propõe boa análise de *O Guarani*, mostrando que o espaço é construção cultural e elemento a ser considerado tanto no plano sintático quanto no figurativo, para auxiliar a contextualizar historicamente uma obra.

Em todos os capítulos, algumas preocupações são recorrentes e constituem o eixo de unidade e coerência do livro: o apreço pela teoria, que indica a convicção de que a leitura não se faz com sensibilidade ou erudição, mas com instrumental metodológico adequado; o respeito ao objeto analisado, indicando o princípio de adequar a análise à particularidade do texto e à sua expressão material; a clareza da exposição, sempre marcada por inúmeras análises de exemplos de textos de diferentes materialidades, tipos e gêneros, e de uma espécie de registro didático que os anos de magistério dedicado incorporaram à voz do escritor.

Define-se assim o estilo do autor, feito dessa mescla de erudição e didatismo que marca sua presença notável na área de estudos de linguagem no Brasil. *Em busca do sentido: estudos discursivos* é livro que não pode faltar nas bibliotecas dos estudiosos de Letras, Linguística, Comunicação e todos os demais campos do conhecimento que se ocupam da linguagem e seus movimentos de produção de sentidos.